REVISTA COMCIÊNCIA
ISSN 2595-1890 [Online] – ISSN 1807-0124 [Impresso]

O BRINCAR DE CRIANÇAS QUE VIVEM E CIRCULAM EM UMA FAVELA NA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES-MG

THE PLAY OF CHILDREN WHO LIVE AND CIRCULATE IN A FAVELA IN THE CITY OF GOVERNADOR VALADARES-MG

Valdicélio Martins dos Santos[a,*]
ORCID: 0000-0003-1903-8335
Levindo Diniz Carvalho[b]
ORCID: 0000-0001-5720-9268

[a] Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) – Governador Valadares, MG, Brasil
[b] Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte, MG, Brasil
[*]Autor de correspondência: Valdicélio Martins dos Santos – E-mail: martinscelio360@gmail.br

RESUMO:
Este artigo tematiza as relações entre as crianças em seu território em diálogo com os Estudos da Infância e os Estudos Anticoloniais, campos de análise que desafiam a visão hegemônica e universalizante da infância, trazendo à tona as contradições presentes na vida das crianças que vivem em favelas. Tem como objetivo identificar e analisar as brincadeiras e as interações de um grupo de 15 crianças que circulam pelos espaços públicos de uma favela, localizada na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, MG. O contato direto com este grupo de crianças, em seus usos do espaço urbano, impulsionou uma etnografia em constante movimento, marcada por uma intensa e ampla circulação ao longo de treze meses de trabalho de campo, favorecendo a observação direta das crianças em seus contextos sociais. Os instrumentos metodológicos empregados incluíram oficinas de escuta por meio da observação de brincadeiras, desenhos, fotografias, contação de histórias e técnicas de foto-elicitação. Os resultados mostram que as crianças ocupam o território ressignificando os espaços por meio de seu corpo-território e transformam becos, ruas e vielas em cenários de brincadeiras. Conclui-se que, ao brincar, as crianças expressam suas visões de mundo, desafiam e recriam as normas vigentes com resistência e criatividade.
Palavras-chave: brincar; corpo-território; crianças; favela.

ABSTRACT:
This article discusses the relationships between children in their territory in dialogue with Childhood Studies and Anticolonial Studies, fields of analysis that challenge the hegemonic and universalizing view of childhood, bringing to light the contradictions present in the lives of children who live in favelas. It aims to identify and analyze the games and interactions of a group of 15 children who circulate through the public spaces of a favela, located in the city of Governador Valadares, Minas Gerais – M.G. Direct contact with this group of children, in their use of urban space, encouraged an ethnography in constant movement, marked by intense and wide circulation throughout thirteen months of fieldwork, favoring direct observation of children in their social contexts. The methodological instruments used included listening

workshops through observation of games, drawings, photographs, storytelling and photo-elicitation techniques. The results show that children occupy the territory, giving new meaning to spaces through their body-territory and transforming alleys, streets and alleys into play scenarios. It is concluded that, when playing, children express their views of the world, challenge and recreate current norms with resistance and creativity.
Keywords: play; body-territory; children; slum.

1 Introdução

Estudos contemporâneos sobre as infâncias no Sul Global[1] têm se dedicado a investigar a experiência social das crianças em múltiplos contextos, considerando as relações das crianças com seus territórios e culturas. Em particular, territórios historicamente marginalizados como as favelas têm sido foco dessas pesquisas, revelando que as experiências infantis nesses espaços são diversas e não podem ser reduzidas a estereótipos de carência ou violência (Castro *et al*, 2021; Perez; Jardim, 2015; Coelho, 2009; Rua, 2007). Embora a exclusão social e a precariedade sejam, muitas vezes, realidades presentes, é essencial reconhecer as singularidades e as formas criativas de viver e brincar que emergem nesses territórios, desafiando visões homogeneizadoras sobre o que é ser criança nestes contextos.

Os pesquisadores que estudam o brincar e a infância nas favelas (Coelho, 2007; Rua, 2007; Perez; Jardim, 2015) frequentemente apontam que as experiências das crianças nesses territórios são marcadas por conflitos e violência. Embora esses fatores restrinjam as oportunidades de convivência, eles não impedem as interações sociais, pois as crianças subvertem essa realidade por meio das brincadeiras. Os estudos indicam que essas realidades não são homogêneas e apesar das adversidades, o brincar pode se transformar em um espaço de criação e resistência, onde surgem formas singulares de interação e potencialidades que enriquecem a vida no território.

Esses paradoxos nos instigaram na escrita deste artigo, em que destacamos sua relevância como uma forma legítima de expressão infantil e um meio essencial para que a criança observe, compreenda e interaja com o mundo ao seu redor. No contexto desta pesquisa, esse mundo não se resume apenas aos espaços em que a criança está inserida, mas também inclui aqueles que a excluem. Nesse cenário, o brincar se revela como uma experiência em que

[1] O conceito de Sul Global, vai além da mera divisão geográfica entre hemisférios norte e sul. Ele refere-se, principalmente, a uma construção sociopolítica e econômica que designa as regiões do mundo que foram historicamente colonizadas e que continuam a sofrer as consequências das estruturas coloniais, mesmo após o fim formal do colonialismo.

as crianças vivenciam o território como algo vivo em suas realidades, mesmo quando precisam enfrentar e desafiar as estruturas que as oprimem.

Dessa maneira, na intenção de compreendermos as relações que incidem sobre as crianças e seus modos de brincar no território, propomos um diálogo entre os Estudos da Infância e os Estudos Anticoloniais, campos de análise que desafiam a visão hegemônica e universalizante da infância, trazendo à tona as contradições presentes na vida das crianças que vivem em favelas. Ao propor esse diálogo, buscamos não apenas observar o brincar das crianças, mas também entender como o brincar é permeado por dinâmicas de poder, exclusão e resistência que são ignoradas ou subestimadas por análises que adotam uma visão "padronizada" da infância. Essa interseção permite enxergar o brincar como um espaço de agência, onde as crianças, mesmo em contextos de vulnerabilidade, constroem formas de existir que desafiam as normas impostas pela sociedade dominante, ao mesmo tempo que sobrevivem e resistem às múltiplas formas de violência simbólica e material presentes no seu cotidiano.

Nessa perspectiva, este artigo, fruto de uma pesquisa de doutorado, tem como objetivo identificar e analisar as brincadeiras e interações de um grupo de crianças que circulam pelo espaço público do Morro do Carapina, uma favela[2] situada na cidade de Governador Valadares – Minas Gerais (MG). Estigmatizado como o território mais pobre e violento da cidade, o Morro do Carapina abriga cerca de 1.340 crianças com idades entre 0 e 15 anos. Por meio da abordagem etnográfica, foi selecionado um grupo de 15 crianças, composto por 10 meninas e 5 meninos, com idades entre 2 e 11 anos, todas autodeclaradas negras[3], que estavam constantemente nos espaços públicos, permitindo-nos um acompanhamento sistemático de suas ações e interações

O contato direto com este grupo de crianças, em seus usos do espaço urbano, impulsionou uma etnografia em constante movimento, marcada por uma intensa e ampla circulação ao longo de treze meses de trabalho de campo (outubro de 2022 a novembro de 2023). Müller e Sousa (2023) e Iared (2018) enfatizam que a etnografia em movimento destaca a fluidez e a dinamicidade das culturas e experiências humanas, reconhecendo que os sujeitos estão frequentemente em deslocamento, seja geográfico, social ou cultural. Ao acompanhar as crianças em movimento, capturamos a complexidade de suas trajetórias individuais e coletivas, refletindo as transformações contínuas que permeiam suas relações.

[2] O termo favela é utilizado neste estudo em vez do eufemismo comunidade para refletir a realidade vivida e reconhecida pelas crianças que habitam esse espaço. Ao contrário de suavizações linguísticas, as crianças nomeiam e identificam seu ambiente como uma favela ou Morro.

[3] Durante a pesquisa as crianças se autodeclararam negras, em um momento de circulação em que elas passaram a falar sobre o tom de pele de cada uma.

Durante esse processo, propusemos oficinas de escuta por meio de brincadeiras, desenhos, foto-elicitação, fotografias, contação de histórias e circulação pelo território, criando espaços para a expressão das crianças, o que nos permitiu uma compreensão de suas perspectivas e experiências. Esses métodos possibilitam não apenas a observação das brincadeiras em seus contextos, mas também a compreensão dos significados que as próprias crianças atribuem a elas. Neste processo, foram estabelecidas relações éticas[4] com as crianças e seus responsáveis, explicando detalhadamente cada etapa do trabalho e assegurando a confidencialidade e a privacidade dos participantes, por meio de medidas para proteger suas identidades[5], não expô-las a nenhum constrangimento respeitando seu desejo de participação nas brincadeiras. O consentimento foi reiterado ao longo de todo o processo, o que exigiu uma constante reflexividade metodológica, garantindo que a pesquisa se mantivesse sensível às dinâmicas e necessidades das crianças em cada fase do trabalho. Os caminhos trilhados foram construídos em parceria com as crianças que contribuíram em todas as etapas, sobretudo na apresentação do território e de suas brincadeiras.

Para realizar a discussão pretendida, este artigo está organizado em três partes, sendo a primeira, esta introdução. A segunda parte trata do diálogo entre os Estudos da Infância e os Estudos Anticoloniais. Na terceira parte, analisamos parte do repertório de brincadeiras das crianças em diálogo com o conceito de corpo-território e os modos como as crianças expressam suas visões de mundo. Por fim, apresentamos as considerações finais, refletindo sobre a relevância deste estudo para o campo dos Estudos da Infância e dos Estudos Anticoloniais.

2 Estudos da Infância e Estudos Anticoloniais

A postura colonial, ao longo de muitos anos, impactou profundamente a maneira como a infância foi vivida em diferentes territórios, ignorando as diversidades culturais e sociais. Esse processo gerou uma concepção universalizada e restritiva de infância, baseada em padrões eurocêntricos, brancos e ocidentais. Durante o período colonial, essa visão hegemônica não só reforçou uma ideia excludente de infância, mas também apagou outras histórias de crianças, geralmente contadas pela perspectiva adultocêntrica. As crianças de grupos marginalizados,

[4] Foi apresentado e assinado o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) para pesquisas com crianças e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os responsáveis.
[5] Conforme relatório enviado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) - CAAE - 66340822.9.0000.5149, parecer número: 6.091.378

como as negras e as pobres, foram particularmente desumanizadas e afetadas pelas estruturas coloniais que perpetuam, ainda hoje, desigualdades e opressões.

Em oposição à hegemonia predominante sobre a concepção de infância, os Estudos da Infância têm demonstrado que a experiência infantil é construída de forma histórica, social e cultural, variando de acordo com o contexto em que as crianças estão inseridas. Esses estudos, ao entenderem a infância como um fenômeno social dinâmico e em constante transformação, destacam a criança como um sujeito sociocultural, marcado tanto por sua trajetória individual quanto pelas diversas vivências experienciadas em diferentes sociedades e culturas (Gouveia, 1993; Sarmento, 2005; 2007).

Diferentes pesquisadores dos Estudos da Infância (Gouveia, 1993; Sarmento, 2005; Castro, 2021; Liebel, 2019; 2021) têm se dedicado a desconstruir a ideia de infância como uma categoria universal ao destacarem a importância de reconhecer as múltiplas infâncias e como elas são desenvolvidas em diferentes contextos sociais e históricos específicos. Esse reconhecimento, não apenas destaca o papel das crianças na sociedade, mas também desafia os estereótipos e preconceitos que frequentemente as marginalizam, ao reafirmar sua importância como agentes de mudança, capazes de conformar e serem conformadas pelas dinâmicas sociais em que estão inseridas.

Em outra perspectiva, os Estudos Anticoloniais (Ramalho, 2019; Ramalho e Alvarez, 2022) têm como objetivo refletir e tensionar as estruturas de poder e conhecimento impostas pelo colonialismo, reconhecendo os sujeitos historicamente feitos "Outros"[6] em sua diversidade e complexidade. Esses estudos ressaltam como as relações coloniais influenciaram profundamente a vida dos povos colonizados, em que incluímos as crianças, cujas experiências foram, por muito tempo, invisibilizadas e subalternizadas.

As teorias anticoloniais proporcionam uma perspectiva fundamental para analisar o sistema-mundo moderno, suas instituições e dinâmicas de poder, a partir da crítica ao projeto de dominação europeu iniciado entre os séculos XV e XVI. Segundo Ramalho e Alvarez (2022), o colonialismo estabeleceu hierarquias identitárias que não apenas estruturaram a sociedade de maneira profundamente segregada, mas também perpetuaram desigualdades, favorecendo determinados grupos em detrimento de outros. Essas hierarquias consolidaram relações de poder que marginalizaram populações colonizadas e grupos subalternizados, criando um legado de desigualdade que persiste nas estruturas sociais contemporâneas.

[6] Nos Estudos Anticoloniais, o conceito de "Outros" refere-se aos grupos que foram historicamente marginalizados, desumanizados ou subalternizados pelas potências coloniais.

Embora os Estudos Anticoloniais não tenham, em sua gênese, uma referência direta ao marcador geracional como mais um recorte de exclusão, é possível reconhecer que as crianças também estão entre os sujeitos outros, subalternizados, e, muitas vezes, invisibilizados nas estruturas de poder e dominação. Ao integrar as infâncias nas discussões anticoloniais, emerge uma importante convergência entre esses dois campos de estudo. Essa interseção evidencia que, enquanto os Estudos da Infância sublinham a diversidade de formas de ser criança, os Estudos Anticoloniais contribuem para ampliar essa discussão ao incluir as infâncias como parte dos grupos historicamente subalternizados, atravessadas pelos marcadores sociais da diferença, raça, classe e gênero.

Essa convergência destaca como as crianças, particularmente aquelas pertencentes a grupos historicamente marginalizados, foram submetidas às mesmas lógicas de exclusão e exploração que afetaram as populações colonizadas. Nesse sentido, os Estudos da Infância emergem como um campo central para a análise das desigualdades e formas de resistência no contexto pós-colonial.

A crescente produção acadêmica sobre crianças "outras, diferentes e diversas", incluindo aquelas cujas as diferenças e diversidade são subalternizadas e colocadas em posição de inferioridade, evidencia a necessidade urgente de desconstruir a noção de uma infância única e universal, permitindo que as experiências de crianças de diferentes contextos sejam visibilizadas (Castro, 2021). Assim, o conceito de "múltiplas infâncias" (Balagopalan, 2019) torna-se crucial para o reconhecimento da diversidade das experiências infantis e para o questionamento das normativas que as invisibilizam.

Por essa perspectiva, Balagopalan (2019) ao pesquisar as experiências de crianças indianas em contextos de marginalização, reflete sobre trabalho infantil, relações de gênero, discursos sobre os direitos das crianças e cidadania. Freitas (2022) explora a agência política infantil em movimentos de luta pela terra, ressaltando o papel ativo das crianças em contextos de resistência. Castro (2021) direciona seus estudos para as infâncias no Sul Global, analisando como essas "outras infâncias" rompem com a visão hegemônica de infância, enquanto Liebel (2019) expande essa discussão ao abordar a participação política de crianças trabalhadoras, evidenciando a diversidade das formas de engajamento infantil nas esferas sociais e políticas.

Estes estudos, com foco nas experiências de crianças do Sul Global, demonstram uma potência epistemológica que questiona o conhecimento hegemônico legado pelo colonialismo, ainda amplamente difundido como universal e dominante. As investigações sobre as infâncias nessas regiões, desafiam o projeto de dominação capitalista, colonialista e patriarcal que

continua a conformar as concepções globais de infância[7]. Dessa forma, ao analisar os diferentes contextos em que as crianças do Sul Global vivem, fica evidente o impacto direto das desigualdades socioeconômicas e raciais na garantia de seus direitos (Liebel, 2019).

Nesse sentido, estudar as experiências das crianças do Morro do Carapina é essencial para expandir nossa compreensão das múltiplas infâncias no Sul Global e criar novas formas de abordar as infâncias que rompem com as estruturas coloniais, raciais e econômicas ainda presentes. Esse reconhecimento exige que suas vozes sejam ouvidas, especialmente em contextos sociais de exclusão, o que fortalece a diversidade infantil ao valorizar as culturas, tradições e modos de vida de crianças que vivem em favelas e comunidades marginalizadas. Ao dar visibilidade a essas infâncias, como veremos nesta pesquisa, ampliamos a compreensão sobre a pluralidade das experiências infantis e a necessidade de desafiar os paradigmas que as silenciam.

3 O brincar das crianças na favela

Estudos contemporâneos sobre o brincar (Carvalho, 2009; Carvalho; Silva, 2018) nos convidam a observar as crianças em suas formas de sociabilidade, bem como compreender a brincadeira como prática cultural e linguagem. Tais estudos indicam como, ao brincar, as crianças atribuem sentido ao mundo ao seu redor, compreendem papéis e normas sociais. Conforme argumenta Carvalho (2009), que brincar vai além do ato lúdico, é também uma forma de expressão e construção de sentido, por meio da qual as crianças se apropriam da realidade e participam ativamente da vida social, assim como as brincadeiras realizadas pelas crianças do Morro do Carapina.

Diferentes brincadeiras são realizadas em diversos contextos geográficos, mas elas se diferenciam a partir de cada cultura, podendo, inclusive, atravessar os limites culturais, temporais e geográficos, sendo recriadas de acordo com as especificidades de cada ambiente. A capacidade das crianças de adaptarem suas brincadeiras e resistirem às transformações culturais, reforçam seu papel central na construção da identidade infantil e na manutenção das tradições culturais. Além de refletirem as condições de vida e o contexto em que estão inseridas, as brincadeiras revelam um meio poderoso de significação e expressão da infância, conectando gerações e territórios distintos, como as brincadeiras nos territórios das favelas.

[7] Essas concepções destacam a universalização da infância, uma forma homogênea de conceber a criança.

Em uma pesquisa sobre o brincar de crianças em uma favela, Coelho (2007) argumenta que as brincadeiras são influenciadas pelo contexto físico e social a qual elas vivem. As crianças desenvolvem brincadeiras que se adaptam às características do ambiente, muitas vezes, utilizando materiais improvisados em suas ações a partir do que lhes é acessível como pneus, pedaços de madeira, sacolas, papéis e outros.

No contexto da favela do Morro do Carapina, embora marcado por desigualdades, há também uma rica diversidade de experiências e formas de resistência. As brincadeiras das crianças, longe de serem limitadas pelas condições adversas, se tornam espaços de criação e expressão, onde elas ressignificam o mundo ao seu redor. Ao brincar, as crianças não apenas rompem com as barreiras impostas, mas desenvolvem práticas culturais próprias, que questionam as dinâmicas de poder estabelecidas, conforme veremos nas brincadeiras corporais das crianças e nas brincadeiras em que elas apreendem o mundo ao seu redor.

3.1 O corpo-território nas brincadeiras das crianças

Uma das principais contribuições do pensamento decolonial latino-americano ao debate sobre território é a compreensão desta categoria como um espaço de vida e de existência em sentido amplo. Nesse contexto, Haesbaert (2020, p. 82) introduz o conceito de "território de re-existência", que inclui a noção de corpo-território, estabelecendo uma relação intrínseca entre a defesa do espaço físico e a experiência corpórea como formas de resistência. O corpo-território, segundo Haesbaert (2020, p. 76), é "o poder da corporeidade tanto como objeto de exercício de poder quanto como sujeito (corporificado) de resistência". Nesse sentido, a corporeidade está atravessada por questões de raça e gênero, refletindo uma história de exploração e violência, sobretudo direcionada aos corpos "outros", como mulheres, negros, indígenas e, aqui, estendendo-se também às crianças.

De acordo com os estudos de Bizzotto (2022), ao pesquisar um grupo de crianças de movimentos sociais, entendemos que esses grupos, o que inclui as crianças das favelas, foram historicamente confinados, interditados e invisibilizados, convertendo seus corpos em campos de disputas e resistências. Portanto, a noção de corpo-território destaca a inseparabilidade entre o espaço físico e o corpo, ambos marcados por lutas de poder e ambos agentes na resistência contra as estruturas de dominação.

A articulação entre corpo e território permite uma abordagem do território em múltiplas escalas, com ênfase na "escala mais micro, mais íntima, que é o corpo", considerado o "primeiro território de luta" (Cruz-Hernández, 2016 *apud* Haesbaert, 2020, p. 80). Essa perspectiva

reforça a centralidade do corpo como o espaço primordial de resistência, onde se manifestam de maneira direta as disputas de poder.

No contexto desta pesquisa, as crianças são reconhecidas como pertencentes a um grupo dissidente, permitindo o estabelecimento de um diálogo com a categoria de corpo-território. As crianças do Morro do Carapina e suas famílias vivem como corpos-territórios que habitam a interseção de múltiplas formas de opressão e, simultaneamente, desenvolvem estratégias de resistência frente às dinâmicas de exclusão e violência. As brincadeiras que essas crianças realizam nas ruas da favela tornam-se uma expressão dessa resistência, ao refletirem suas percepções e significados sobre o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, a brincadeira pode ser entendida como uma forma de resistência ao controle sobre seus corpos e à marginalização social, alinhando-se à noção de corpo-território. De acordo com Castro (2021), ao ressignificar os espaços urbanos por meio de suas brincadeiras, seja nas ruas, becos ou vielas, as crianças não apenas reafirmam seu direito de pertencer à cidade, mas também transformam esses espaços em "campos de luta" simbólica, o que está em consonância com Palhares (2015) e Haesbaert (2020), que argumentam que o corpo, ao habitar e modificar o espaço, também cria resistências.

O corpo da criança, nesse contexto, assume o papel de mediador fundamental entre o seu mundo interno e o ambiente externo, possibilitando a criação de significados e práticas culturais próprias (Palhares, 2015). As práticas corporais, como o movimento, a circulação, a ocupação e a transformação do espaço, constituem formas de apropriação territorial, refletindo as necessidades, desejos e resistências das crianças. Essa perspectiva é especialmente relevante em contextos urbanos, onde a interação contínua entre corpos e os ambientes urbanos conformam a paisagem social e cultural das cidades. Assim, o corpo das crianças da favela emerge como um agente ativo de transformação do território, afirmando sua existência e resistência frente às adversidades.

O corpo da criança atua como um mediador entre o ambiente físico e as práticas culturais, utilizando elementos do território para criar significados e formas de interação próprias. As brincadeiras, muitas vezes improvisadas a partir de objetos cotidianos ou dos limites geográficos da favela, refletem as condições sociais e econômicas do local, mas também demonstram a capacidade das crianças de transformar o espaço em um campo de criatividade e resistência.

Assim como em muitas favelas brasileiras, o Morro do Carapina carece de praças e parques destinados ao lazer. Nesse contexto, uma rua pequena e estreita assume a função de

principal ponto de encontro para as crianças, que ali se reúnem para interagir, brincar e explorar o ambiente ao seu redor. Para mitigar os riscos decorrentes da geografia acidentada do local, foram instalados corrimãos, evidenciando a necessidade de proteção dos diferentes sujeitos que circulam pela área. Apesar das limitações espaciais e da ausência de equipamentos públicos voltados ao lazer, essa rua se consolida como um espaço essencial de socialização e expressão infantil, em que as brincadeiras se adaptam às condições impostas pelo espaço urbano. Essa dinâmica será ilustrada a seguir, por meio do excerto e das imagens apresentadas.

> Em um dia de sol quente, ao chegar na rua onde a maioria das crianças brincava — a mais plana da região, visto que as demais ruas eram compostas por morros e escadarias íngremes —, podia-se observar uma dinâmica particular. Naquele espaço, seis crianças brincavam com materiais encontrados no ambiente. Enquanto algumas se jogavam em um velho colchão encostado na parede, criando um tipo de jogo corporal e sensorial, outras rolavam um pneu de um lado para o outro, desafiando a gravidade e o equilíbrio. Essas crianças passavam horas repetindo a atividade, rindo e trocando entre as brincadeiras, demonstrando uma intensa interação corporal com o espaço e entre si (Diário de campo, abril de 2023).

FIGURA 1 – Brincadeiras no Morro

FONTE: Arquivo pessoal (abril de 2023)

Conforme podemos observar na imagem, os materiais não convencionais utilizados como pneu e colchão, contrastam com a riqueza das experiências criadas e proporcionadas. As brincadeiras inventadas, de acordo com o que lhes são oferecidos, revelam a criatividade das crianças. O colchão abandonado e aparentemente sem valor, torna-se um brinquedo para a diversão, onde o corpo se lança, se joga e experimenta o espaço de maneira segura, permitindo às crianças explorar seus corpos e seus limites físicos.

Por outro lado, o pneu, rolado de um lado para o outro, representa uma atividade que envolve competição, cooperação e o desenvolvimento da noção de ritmo e tempo. O movimento repetitivo e a troca entre as crianças demonstram uma dimensão coletiva no brincar, onde a interação não se dá apenas com o objeto, mas também entre os participantes, reforçando laços sociais e formas de organização.

No mesmo sentido, as brincadeiras simbolizam uma forma de resistência ao contexto de exclusão e limitação de recursos, pois as crianças criam e recriam suas próprias regras e mundos simbólicos a partir do que lhes é oferecido. Isso evidencia a capacidade de ressignificação dos espaços e materiais, transformando aquilo que seria visto como sucata ou lixo em recursos centrais para o brincar, conforme já anunciado por Coelho (2007).

A rua torna-se um espaço ideal para a livre circulação e interação, onde o movimento dos corpos cria novas camadas de significação. As condições físicas do território, seus becos, corrimãos e outros elementos urbanos, influenciam diretamente nas formas de brincar, enquanto o corpo da criança, em constante resistência e criação, transforma o território em um espaço de expressão e liberdade.

FIGURA 2 – Brincadeiras no corrimão

FONTE: Arquivo pessoal – maio de 2023

Como podemos observar na figura acima, há um processo de transformação territorial a partir dos corpos das crianças e os elementos físicos do espaço que são ressignificados e transformados em objetos de brincadeira. Os corpos das crianças, ao interagir com os corrimãos, transcendem sua função utilitária ao serem transformados em instrumentos para escalar,

equilibrar ou deslizar. Essa dinâmica reflete a noção de corpo-território, em que o corpo não apenas ocupa o espaço, mas também o transforma, subvertendo sua função original e criando novas possibilidades de uso, em resistência ao uso formal do objeto. Essa dinâmica revela uma apropriação simbólica do espaço, transformando limitações físicas em possibilidades de liberdade e expressão, em que o brincar se torna uma forma de resistência e de recriação do mundo.

De acordo com Coelho (2007; 2009), as limitações físicas e socioeconômicas dos espaços nas favelas influenciam profundamente a vida comunitária, especialmente no cotidiano das crianças. Nesse sentido, o brincar, para além de uma atividade infantil, é um ato que reivindica espaços de autonomia e visibilidade, desafiando as narrativas coloniais que relegam comunidades marginalizadas à invisibilidade e à subalternidade. O das crianças nesta favela, torna-se um meio de resistir, reinventar e afirmar identidades em um contexto de restrição e adversidade.

Em outro momento de brincadeira, as crianças revelaram como o corpo se torna o principal mediador entre o real e o imaginário, permitindo-lhes ressignificar o território ao seu redor. No exercício do brincar, o corpo-território das crianças se manifesta por meio da qual elas transformam e recriam os espaços que ocupam, conferindo novos significados às dinâmicas do ambiente, como ilustrado no excerto a seguir.

> Em uma esquina onde havia um monte de areia em um canto, as crianças decidiram improvisar o espaço para realizar “saltos mortais”. Elas posicionaram uma lixeira alta, encontrada na rua, de forma estratégica sobre o monte de areia, e a utilizaram como uma plataforma para os saltos. Juntas elas decidiram quem iria ser o primeiro a pular e formaram uma fila. Cuidadosamente, uma de cada vez subia na lixeira. Algumas crianças, no alto do objeto, ficavam de frente e outras de costas. Lentamente, elas colocavam os pés posicionados na ponta da lixeira, flexionavam os joelhos como um modo de terem impulso e logo viravam seus corpos de ponta-cabeça, realizando o salto mortal no ar. A lixeira servia como apoio, dando a altura e o impulso que elas precisavam para realizar o movimento. Após cada salto, elas revezavam, repetindo a sequência com entusiasmo e risos, enquanto testavam os limites de seus corpos e habilidades (Diário de campo, dezembro de 2022).

Neste contexto, os corpos das crianças se apresentaram como um elemento central na apropriação e ressignificação do território, adaptando-se às condições impostas pelo ambiente. A lixeira, um objeto cotidiano, se transforma em um objeto criativo para a brincadeira, tornando-se uma extensão do corpo que possibilita saltos e acrobacias, desafiando as limitações do espaço.

FIGURA 3 – Salto Mortal

FONTE: Arquivo pessoal – dezembro de 2022

Para Bizzotto (2022), ao estudar Gago (2019), não é possível isolar o corpo individual do território, o que reforça a noção de corpo-território, pois o corpo não é apenas um sujeito que ocupa o espaço, mas um agente que o transforma. As crianças, ao usarem a lixeira como suporte para saltos e acrobacias, rompem com as restrições impostas no espaço urbano e pelas condições socioeconômicas, criando um território de liberdade e expressão corporal. O monte de areia e o objeto ganham novos significados, tornando-se elementos essenciais para a prática lúdica que, por sua vez, reforça a capacidade das crianças de resistirem às condições adversas por meio da criatividade e do brincar.

Conforme aponta Palhares (2015) o corpo pode ser entendido como um território de experiências, significados e saberes, um espaço sensível no qual a existência das crianças se manifesta de maneira plena. As brincadeiras apresentadas, como “salto mortal, pular no colchão, rolar o pneu e se equilibrar nos corrimãos”, revelam a íntima relação entre corpo e território. O corpo-território das crianças se torna um meio de perceber e interagir com o espaço,

transformando-o em um lugar de movimento, criação e resistência. Essas brincadeiras, ao envolverem gestos físicos intensos, refletem como o corpo transborda e se conecta ao mundo ao seu redor, um território que é tanto físico quanto simbólico (Palhares, 2015; Haesbaert, 2020). O território, nesse sentido, passa a ser elemento ativo, que influencia e é influenciado, criando um diálogo constante entre o espaço e o corpo em movimento.

3.2 O brincar e a apreensão do mundo pelas crianças

Por meio do brincar, as crianças apreendem o mundo ao seu redor, usando suas brincadeiras para entender e internalizar as dinâmicas sociais e o contexto em que vivem. Elas exploram o ambiente, ressignificam o espaço e transformam suas percepções em experiências lúdicas, desafiando limitações e restrições, muitas vezes, impostas por adultos. Mesmo em ambientes marcados por desafios como a violência e o tráfico, o ato de brincar permite que elas compreendam e recriem a realidade, revelando suas formas únicas de ver, interagir e se apropriar do espaço que as cerca. Um exemplo disso é a brincadeira "a morte, o chefe e o desempregado", inventada por elas, que reflete as realidades sociais que vivenciam, como será ilustrado no excerto a seguir.

> Ao chegar no beco, observei um grupo de crianças brincando e, para não interromper, permaneci discretamente num canto, atento aos detalhes de suas ações. Percebi que uma das crianças tirava do bolso um objeto imaginário e, em um gesto cuidadoso, contava o que parecia ser dinheiro, passando a "quantia" de uma mão para a outra antes de entrega-lo a outra criança, que, por sua vez, o conferia seriamente. A brincadeira girava em torno de um contexto onde o dinheiro era um elemento central, evidenciado pelas expressões e gestos precisos. Em seguida, uma outra criança abriu os braços o mais alto que pôde, franziu as sobrancelhas e soltou um grunhido estranho, representando um monstro. No mesmo instante, uma criança começou a chorar, enquanto outra deitava no chão, imóvel, interpretando o papel de morta e sendo carregada pelo "monstro". Após essa sequência dramática, todas riram e, então, decidi me aproximar e perguntar sobre a brincadeira.
> **Pesquisador** – Ei pessoal, estava observando vocês. Que brincadeira é essa?
> **Lua** – O Sol vai explicar, porque ele que inventou.
> **Sol** – A brincadeira é assim: uma pessoa é o trabalhador que vai ficar desempregado, outra é o chefe e a última é a morte. A gente escolhe uma profissão para o trabalhador, tipo caminhoneiro. O patrão fica observando o trabalho dele e, depois de um tempo, manda ele embora. A morte fica só rondando por perto, sabe? Se ele não arrumar outro trabalho rápido, a morte vem e leva ele.
> **Lua** – Isso, e tem outra regra: a gente define um trabalho escondido e o desempregado tem três chances para adivinhar qual é. Se ele não acerta, perde, e a morte leva ele, porque não conseguiu trabalho e vai morrer.
> **Sol** – Aí a morte decide como o trabalhador vai morrer, tipo atropelado. Então aparece um "carro" e atropela ele.
> **Pesquisador** – Uau, e como você teve essa ideia para a brincadeira?
> **Sol** – Ah, eu inventei para a gente brincar aqui mesmo.
> **Lua** – Ele inventa várias brincadeiras! (Notas de campo, setembro de 2023).

Sob a perspectiva dos Estudos Anticoloniais, compreende-se que as estruturas de poder estão profundamente enraizadas nas dinâmicas de dominação (Ramalho, 2019), o que se reflete na narrativa criada pelas crianças, onde o personagem "chefe" simboliza a autoridade e o controle sobre o trabalhador. Ao representarem uma situação em que alguém perde o emprego e, em seguida, morre, as crianças não apenas dramatizam desafios cotidianos, mas também expõem a desigualdade e a hierarquia que percebem no ambiente social e econômico ao seu redor. O chefe, como figura de comando, encarna o poder centralizado que decide o destino do trabalhador, destacando uma relação de submissão onde o acesso a recursos é limitado e precário. Essa figura não só personifica o controle sobre o indivíduo, mas também reflete como as dinâmicas de opressão se manifestam nas relações sociais da favela, tal como apontado pelos Estudos Anticoloniais, evidenciando que o poder sobre o outro é uma constante nas estruturas sociais locais.

Por sua vez, a figura do desempregado demonstra a percepção que as crianças têm sobre a instabilidade econômica e a precariedade das condições de emprego, representando suas apreensões sobre o mundo do trabalho. Ao brincar de ser o desempregado, elas reproduzem o drama da falta de trabalho, evidenciando a luta constante pela sobrevivência que, muitas vezes, define a realidade de suas famílias. O desemprego, para essas crianças, não é um conceito distante, mas algo presente em suas vidas, visto nas conversas dos adultos ao redor e nos desafios cotidianos de seus pais ou responsáveis. A perda do emprego, nesse contexto, é percebida como uma falha pessoal ou uma consequência trágica.

O desemprego e a figura do chefe na brincadeira simbolizam a dependência do trabalho para garantir o sustento básico, dramatizando a luta constante entre sobrevivência e vulnerabilidade. Esse ciclo de exclusão e necessidade de dinheiro para viver é reproduzido pelas crianças, que, em sua brincadeira, refletem a realidade de dependência econômica e instabilidade que observam ao seu redor. A dinâmica do jogo expõe como, desde cedo, elas internalizam a ideia de que "viver" está ligado a um contexto de desigualdade, onde a segurança depende do acesso incerto ao trabalho e aos recursos.

No campo simbólico das crianças, a busca incessante por um novo emprego, após a perda do primeiro, é uma maneira delas explorarem as pressões que os adultos enfrentam na luta pela sobrevivência. A figura da "morte", que aparece como uma ameaça constante ao personagem do "desempregado", simboliza o medo da falha e da desproteção que pode ocorrer quando a estabilidade financeira é perdida. Esse elemento da brincadeira reflete a compreensão das crianças de que, no mundo adulto, a segurança está intrinsecamente ligada à capacidade de

manter um emprego. A morte, que captura o personagem caso ele não consiga encontrar um novo emprego, torna-se uma metáfora para a perda de *status*, dignidade e, em última instância, da própria vida, caso as necessidades básicas de sobrevivência não sejam atendidas. Assim, a brincadeira não apenas reflete o impacto do desemprego, mas também a luta constante pela sobrevivência que as crianças testemunham nos adultos ao seu redor.

A morte, como elemento final da brincadeira, introduz um tema que, "embora complexo", é parte do cotidiano dessas crianças. Ao incluir a morte como uma consequência na narrativa, as crianças mostram como internalizam e reinterpretam a violência e a mortalidade que observam em seu entorno. Na brincadeira, a morte não é apenas um fim trágico, mas uma maneira de lidar com a perda e o sofrimento de forma simbólica. Ao transformar essa personagem em parte de um jogo, elas criam um espaço onde podem explorar seus medos. Essa brincadeira, portanto, serve como um mecanismo de defesa emocional, onde o faz-de-conta permite que as crianças confrontem e compreendam as realidades complexas do contexto social onde vivem, inclusive naturalizando a morte.

Outrossim, a morte surge como uma metáfora poderosa. Ela não apenas representa o fim da vida, mas também a fragilidade que permeia a existência de quem vive à margem. No contexto das brincadeiras, a morte pode ser vista como a consequência final da falta de acesso ao trabalho, ao dinheiro e à segurança. Neste contexto, corroboramos com Silva *et al.* (2022) que para as crianças, a morte assume novos significados, deixando de ser apenas uma questão simbólica relacionada à compreensão da vida para se tornar uma preocupação concreta e uma ameaça a sua própria existência e a de outros. Essa realidade ainda ganha uma nova dimensão quando transposta ao campo simbólico e personificada pelos personagens criados. Nessa transposição, a realidade é transformada e reinterpretada, permitindo que as crianças explorem e compreendam suas experiências de maneira lúdica.

A brincadeira apresentada, exemplifica como as crianças apreendem o significado cultural do brincar (Carvalho; Silva, 2018), revelando, por um lado, elementos universais do jogo, como a criação de papéis e a representação de conflitos, e, por outro, aspectos profundamente enraizados no contexto social e cultural em que vivem (Carvalho, 2009). Essa tensão entre a universalidade das formas lúdicas e a especificidade do ambiente sociocultural se traduz na maneira como elas exploram temas de autoridade, sobrevivência e precariedade que refletem sua realidade cotidiana. Assim, ao encenarem papéis como o chefe e o trabalhador, as crianças não apenas experimentam e compreendem relações de poder e dependência, mas também adaptam a brincadeira para dialogar com questões que perpassam o universo simbólico

de sua comunidade, apresentando como o brincar é também uma forma de entender e narrar o mundo em que estão inseridas.

4 Considerações Finais

A interseção entre os Estudos da Infância e os Estudos Anticoloniais possibilita o reconhecimento da pluralidade das infâncias, valorizando as potencialidades e experiências singulares vivenciadas por crianças em contextos de favela. As brincadeiras criadas por elas nesses territórios são formas de expressão de conhecimento e resistência, por meio das quais elas adaptam e transformam o mundo ao seu redor. Ao brincar, as crianças não apenas refletem sua compreensão das complexas dinâmicas sociais, econômicas e políticas que as envolvem, mas também afirmam noções de cidadania e o seu papel ativo na ocupação e ressignificação do território que habitam.

Compreendemos que o corpo das crianças, na favela, não é apenas um instrumento de brincadeira, mas uma extensão do próprio território. Ao se moverem, subirem, pularem e interagirem com os objetos ao seu redor, elas transformam o espaço físico em um campo simbólico de resistência e criação. O corpo, nesse contexto, torna-se um mediador entre o mundo real e o imaginário, entre as limitações físicas do território e as possibilidades infinitas do brincar. Essa corporeidade em interação com o território revela o poder transformador da infância e a capacidade de subverter as limitações impostas pelo ambiente. É uma forma de existir e resistir, em que o brincar revela sua importância não apenas como diversão, mas como estratégia de sobrevivência e afirmação.

As teorias e práticas lúdicas apresentadas são fundamentais para uma compreensão mais inclusiva e diversa da infância. As brincadeiras das crianças em contextos de favela não se limitam a simples atividades recreativas, elas são manifestações de resistência, criatividade e agência que desafiam concepções universalizantes e homogêneas de infância. Ao valorizar essas experiências, destacamos a dimensão cultural e social presente nesses territórios, promovendo uma visão contextualizada da infância, que considera as múltiplas formas de ser criança. Essa perspectiva é fundamental para desconstruir preconceitos e estereótipos que frequentemente marginalizam essas crianças, revelando-as como agentes ativos na construção de suas próprias identidades.

Reconhecer e valorizar as diversas infâncias e suas práticas lúdicas é, portanto, um passo essencial para romper com a noção de uma infância universal e ao incorporar uma perspectiva anticolonial nas pesquisas com e sobre a infância nos permite celebrar a diversidade e as

singularidades de cada experiência infantil, oferecendo a todas as crianças, independentemente de seu contexto, a oportunidade de desenvolverem plenamente suas potencialidades. Ao brincar, as crianças não apenas recriam o mundo ao seu redor, mas também desafiam e resistem às imposições hegemônicas, afirmando sua autonomia.

Em conclusão, sob essa perspectiva, o brincar transcende a simples atividade lúdica e se configura como um movimento contra-hegemônico, repleto de significados sociais e políticos. Ao brincar nas favelas, as crianças participam de um processo complexo de significação do mundo, reconfigurando-o e afirmando sua presença e poder, mesmo em contextos de marginalização.

Financiamento

Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

BALAGOPALAN, Sarada. Why historicize rights-subjectivities? Children's rights, compulsory schooling, and the deregulation of child labor in India. *Childhood* 26 (3): 304-20, 2019 https://doi.org/10.1177/0907568219856077 - Acesso em 01 de outubro de 2024

CASTRO, Lúcia Rabelo. I*nfâncias do Sul Global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil*. Salvador: Edufba, 2021

CARVALHO, Levindo Diniz. Infância, brincadeira e cultura. *Horizontes*, v. 27, n. 2, p. 37-46, jul./dez. 2009 - Acesso em 01 de outubro de 2024

CARVALHO, Levindo Diniz; SILVA, Rogério Correia, Infâncias no campo: brinquedo, brincadeira e cultura. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, jan.-abr. 2018, pp. 189-212 https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.30364 - Acesso em 25 de setembro de 2024

FREITAS, Fábio Accardo de. Infância e movimentos sociais: participação política de crianças no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). *Tese de doutorado:* Belo Horizonte, 2022

GOUVEA, Maria Cristina Soares. A criança de favela em seu mundo de cultura. *Caderno de Pesquisa*, 86, 48-54, 1993. Disponível em https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/938 - Acesso em 30 de outubro de 2024

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, *22*(48), 2020 https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100 - Acesso em 01 de setembro de 2024

COELHO, Glauci. Brincadeiras na favela: a constituição da infância nas interações com o ambiente. In.: Vera. M. R. de Vasconcellos, Manoel. J. Sarmento. *Infância (in)visível*, pp. 173-203. Junqueira & Marin Editores, 2007

IARED, Valéria Ghislot. Etnografia em movimento como possibilidade para a interpretação da experiência estética da natureza. *Cadernos de pesquisa*: Pensamento Educacional, Curitiba, número especial, 2018 - Acesso em 30 de outubro de 2024

LIEBEL, Manfred. *Infancias dignas, o cómo descolonizar-se*. Lima: Peru, 2019

MÜLLER, Fernanda; SOUSA, Emilene Leite de (2023). Etnografias em movimento: Deslocar-se com as crianças pela cidade. *Civitas: Revista De Ciências Sociais*, *23*(1), e41914. https://doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.41914 - Acesso em 30 de outubro de 2024

PALHARES, Juliana. Corpo-território: um testemunho poético sobre o corpo-criança, a partir do contato com objetos e materiais expressivos, no ensino de Artes Visuais na Educação infantil. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes: 2015.

PÉREZ, Beatriz Corsino; JARDIM, Marina Dantas. Os lugares da infância na favela: da brincadeira à participação. *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 494-504, 2015. http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p494 - Acesso em 20 de outubro de 2024

RAMALHO, Bárbara; ALVAREZ Leite, Lúcia. Helena. Os Outros na escola e a escola dos Outros: contestações à colonialidade da educação. *Revista Educação Em Questão*, *60*(64). 2022, https://doi.org/10.21680/1981-1802.2022v60n63ID28737 - Acesso em 12 de outubro de 2024

RAMALHO, Bárbara Bruna Moreira. A escola dos que (não) são: concepções e práticas de uma educação (anti)colonial / Bárbara Bruna Moreira Ramalho. - Belo Horizonte. *Tese de Doutorado* - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2019

RUA, Maria Adelaide. Infância em territórios de pobreza: os falares e sentires das crianças. In Vera Maria Ramos Vascconcellos; Manuel Jacinto Sarmento (Orgs.). *Infância (In)visível* (pp. 205-242). Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações A Partir Da Sociologia Da Infância. *Educ. Soc*., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005. https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003 - Acesso em 25 de setembro de 2024

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Infâncias (in)visíveis.* Editora Junqueira e Marin: Araraquara, São Paulo, 2007

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; CARVALHO, Levindo Diniz; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). *Infância e pandemia*: escuta da experiência das crianças. – Belo Horizonte: Incipit, 2022